

RESSIGNIFICANDO REDES: A VIVÊNCIA DE MONITORES NO ITINERÁRIO DE USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E DROGAS

Aline Monique Hessel
Deise Cardoso Nunes
Marcio Pezzini França
Priscila Siebeneichler
Nina Lewkowicz
Mariana Tesch Koetz
Larissa de Moraes Gonzaga

Introdução

O processo de democratização do país, iniciado na década de 80, traz consigo uma série de mudanças na concepção de sujeito e seus direitos. No campo da saúde, a 8ª Conferência Nacional de Saúde foi marcada por uma série de reivindicações e proposições feitas pela sociedade, que culminaram na criação do Sistema Único de Saúde (SUS). A Reforma Sanitária é um conjunto de mudanças paradigmáticas que promove uma maneira absolutamente distinta de se olhar para a população, que passa a ter acesso a todo o sistema, independente de trabalho, renda, etnia ou sexo.

A partir disso, todos os cidadãos tem direito ao acesso à saúde, incluindo os usuários de drogas, foco deste projeto de pesquisa. Nesse sentido, “a Reforma Sanitária, com a criação do SUS, permitiu visualizar o usuário de drogas como sujeito de direitos e usuário de saúde [...] especialmente a partir do princípio da universalidade – saúde é um direito para todos” (CONTE et al., 2004, p. 60).

Atualmente, o cuidado das pessoas que usam drogas é pautado pela Política Nacional sobre Drogas (PNAD), deliberada pelo CONAD (Conselho Nacional Antidrogas) em 2005, que preconiza:

atingir o ideal de uma sociedade protegida do uso de drogas ilícitas e do uso indevido de drogas lícitas; tratamento igualitário e integral; conscientização e prevenção quanto ao uso abusivo de drogas; diferenciação do usuário, da pessoa em uso indevido, do dependente e do traficante; redução da oferta de drogas; garantir a implementação dos programas, ações e atividades da redução da demanda e redução de danos; etc. Estes pressupostos são efetivados em cinco grandes pilares: prevenção; tratamento, recuperação e inserção social; redução dos danos sociais e à saúde; redução da oferta; e estudos, pesquisas e avaliações (BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2008).

Portanto, existe uma série de mecanismos e ferramentas de cuidado em saúde aos usuários de drogas no Brasil e os usuários, como qualquer cidadão, circulam em diversos espaços onde estabelecem diferentes relações com os sujeitos, instituições, estabelecimentos, etc. Assim, estão inseridos em uma rede que se constitui de diversos pontos, caminhos, direções. Mas que rede é essa?

A partir deste questionamento, foi desenhada essa pesquisa, com o objetivo de conhecer as redes de apoio disponíveis e acessadas pelos usuários de álcool e outras drogas, além do serviço especializado em que os mesmos já realizam tratamento. Acredita-se que outros espaços e atores da rede (assistência social, educação, segurança, lazer, família, amigos, entre outros) possam contribuir para a vinculação a um tratamento e sua reinserção social.

Método

É um estudo qualitativo, com utilização de entrevistas semiestruturadas e observação dos usuários de álcool e outras drogas em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas Glória/Cruzeiro/Cristal (CAPS AD GCC), na modalidade de estudos de casos. Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo exploratório-descritivo, com levantamento de dados e descrição das características de uma determinada população (GOLDIM, 2000).

Foi planejada uma amostra de quatro usuários de álcool e outras drogas, ativos no tratamento do CAPS AD. O número da amostra se deu por conveniência, considerando o tempo de coleta, análise do material coletado, e possíveis variabilidades entre os sujeitos. Foram colocados cartazes nas dependências internas do CAPS AD e os usuários interessados manifestaram-se espontaneamente.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, observação e registro fotográfico. Após as entrevistas, foram agendadas algumas observações que permitiram o acompanhamento dos monitores às redes acessadas pelos usuários participantes, utilizando as mesmas condições de transporte do usuário e na companhia dos mesmos.

Cada usuário recebeu uma máquina fotográfica descartável, com possibilidade de registrar vinte e sete fotos do que ele considerava sendo sua rede, contemplando ou não o que ele falou na entrevista ou o que foi observado junto com as pesquisadoras. Após a revelação das fotos, os usuários fizeram uma análise dos registros junto com as monitoras como estratégia de reflexão.

Os participantes da pesquisa assinaram termo de consentimento e autorização para uso de imagens, onde o mesmo irá ficar ciente dos objetivos e da utilização destas no estudo. Este projeto foi aprovado conforme parecer nº 694.718 do CEP Instituto de Psicologia – UFRGS.

Resultados preliminares

Os quatro participantes selecionados foram: Participante 1 – E., do sexo feminino; Participante 2 – O., do sexo masculino; Participante 3 – A., do sexo masculino; e Participante 4 – J., do sexo masculino. O contato entre monitores e usuários começou nas entrevistas, onde se procurou abordar algumas categorias ou pontos da rede e explorar o que eles trouxeram. As categorias se constituíram em: saúde, escola/trabalho, família/amigos/outras relações, lazer, espiritualidade e segurança/justiça. Porém, a observação sobre as categorias não terminou na entrevista, mas prolongou-se até o fim do processo.

Logisticamente, após as entrevistas, eram marcadas as saídas com os participantes, a fim de percorrer e conhecer melhor alguns dos espaços/aspectos de sua vida que consideravam sua rede de apoio. Durante o trajeto, os participantes estavam livres para fotografar as cenas que representassem sua rede pessoal.

A Participante 1, ao longo da entrevista e da caminhada, mostrou sua paixão pelas artes. Desde criança tem uma relação próxima com a música, pela participação em corais, apresentações em bares, teatros, etc. Atualmente, trabalha num bar de Porto Alegre e faz outros shows pontuais, como o da foto, em que tocou num sarau cultural. Segundo ela, a música é o que lhe faz sentido e não se vê em nenhuma outra profissão que não essa.



Figura 1: Foto tirada pela Participante 1
Fonte: Acervo pessoal autores

Ao analisar as fotos tiradas pela Participante 1, observou-se que, naquele período, não houve muitas redes para serem fotografadas. Assim, as fotos eram repetitivas ou sem a presença de algo importante por ela mencionado anteriormente, um certo vazio nos registros. Contudo, permaneceu em tratamento do uso de álcool e recebeu alta do CAPS AD.

Já o Participante 2 gosta de ambientes arborizados, próximos a água, dizendo sentir-se muito feliz perto da natureza, como representa a sua foto escolhida (Figura 2). Durante o percurso demonstrou empolgação e euforia, sempre falante, não demorou muito para contar onde fazia uso de drogas, inclusive nos alertando quanto a locais perigosos da cidade. Eram três pessoas, duas monitoras e o Participante 2.

Contudo, nota-se no contexto de sua história uma tendência de busca por algo distante de laços afetivos familiares ou amistosos, pois viveu sua infância e adolescência em uma cidade próxima a uma laguna, com margem praiana, cenário onde teve suas primeiras experiências com uso de drogas. Nessa mesma cidade acompanhou o alcoolismo do pai e desde pequeno ingeria substâncias alcoólicas. O alcoolismo paterno levou à separação conjugal de seus pais, quando sua mãe decidiu sair de casa e levar somente as filhas, deixando o Participante 2 aos cuidados do pai e da avó paterna.

Estar feliz perto da natureza, expressar a lembrança das experiências de prazer que teve, por outro lado, aponta um sentimento de solidão pela fragilidade dos seus vínculos afetivos. Ao mesmo tempo, uma certa necessidade de ter algo parecido com o que conhecemos na saúde como escuta.



Figura 2: Foto tirada pelo Participante 2
Fonte: Acervo pessoal autores

O Participante 3 tem uma longa história de uso excessivo do álcool. Nasceu no interior e aos 26 anos começou a abusar da bebida, ou seja, cerca de 40 anos atrás. Chegou em Porto Alegre na década de 80, é casado, mora com esposa e filhos no mesmo terreno. A foto aqui apresentada (Figura 3) é do “Bar do Bia”, lugar onde costumava fazer uso do álcool. Sua escolha é paradoxal, pois, ao invés de parar de frequentar o lugar, agora que parou de beber, é lá que encontra seus amigos. Relata o processo de explicar aos conhecidos que tinha parado de beber e as dificuldades nisso, pois continuavam oferecendo goles, até que entenderam sua posição e esforço.



Figura 3: Foto tirada pelo Participante 3
Fonte: Acervo pessoal autores

O Participante 3 ocupa um lugar de apoio e liderança nas atividades do CAPS AD/GCC. Coloca-se de maneira muito positiva e sua postura parece agenciar pequenas quebras no cotidiano daqueles que seguem seu dia a dia um tanto distraídos.

Ao apresentar sua rede de apoio, levou todos a um passeio de barco e a sensação, como nos outros lugares em que nos encontramos, é a de que ele embarcou em uma viagem só de ida para outros territórios possíveis de existência.

O Participante 4 mostrou uma forte presença e importância da família em sua vida e no seu tratamento. Ele decidiu começar o tratamento assim que sua esposa mostrou chegar ao limite, ou seja, ela não estava mais conseguindo lidar com o uso de álcool do marido. Assim, procurou o CAPS AD. Na família, relatou que o apoio de um dos seus irmãos foi essencial ao longo do tratamento. Houve também quem deu pouco apoio e se manteve afastado do processo.

Mesmo assim, a foto escolhida sobre sua rede foi sua casa. Decidiu fazer o percurso num dia em que a esposa estaria em casa, para que a conhecêssemos.



Figura 4: Foto tirada pelo Participante 4
Fonte: Acervo pessoal autores

Considerações Finais

Nestes dados preliminares, foi possível observar que a experiência enriqueceu os monitores que entrevistaram e acompanharam os usuários participantes na sua rede de apoio, produzindo reflexões importantes sobre a relação entre a dimensão social e a integralidade em saúde, estabelecendo o ensino em serviço e aproximando a teoria da prática. Por certo, outros achados

oriundos das entrevistas e fotografias poderão traçar itinerários possíveis, na visão do usuário, para o entendimento dos profissionais da saúde.

Referências

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Legislação e Políticas Públicas sobre Drogas*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2008.

CONTE, M. et al. Redução de Danos e Saúde Mental na perspectiva da Atenção Básica. *Boletim da Saúde*, Porto Alegre, v.18, n.1, 2004.

GOLDIM, José Roberto. *Manual de iniciação à pesquisa em saúde*. 2.ed. Porto Alegre: Dacasa, 2000.